

A CONCEPÇÃO DA IDENTIDADE DO HERÓI EM A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO DÁGUA: UMA LEITURA EXOTÓPICA E CRONOTÓPICA



THE CONCEPTION OF HERO IDENTITY IN DEATH AND THE DEATH OF QUINCAS BERRO DÁGUA: AN EXOTOPIC AND CRONOTOPIC READING

WELLINGTON GOMES DE SOUZA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 04/02/2019 • APROVADO EM 13/03/2019

Abstract

This article presents a reading of the novel Quincas Berro Dágua's death and death, by Jorge Amado, from the ideas of cronotopo and exotopia proposed by Bakhtin, relating them to the discourses produced in the analyzed text. Therefore, the objective is to discuss the conception of the identity of the hero present in the amadian novel, according with the space-time

positions occupied by the characters that dialogue with the protagonist. In order to develop such analysis, it was based on the bakhtinianas ideas about exotopia e cronotopia, as well as on the reading of researchers such as Amorim (2006), Bemon and Borghart (2015), among others who study these aspects in the writings of the mentioned philosopher of language. The development of the approach consisted in the analytical reading of the text the baiano writer, associating it with the space-time bias proposed for the construction of points of view in the relation to the main character. In this way, it is possible to observe the importance of this dimension to situate the hero status of Berro Dágua. Therefore, it is concluded that the analysis in the perspective is of great value for the expansion of the possibilities of reading the literary text.

Resumo

Este artigo apresenta uma leitura da obra A morte e a morte de Quincas Berro Dágua, de Jorge Amado, a partir das ideias de cronotopo e exotopia propostas por Bakhtin, relacionando-as aos discursos produzidos no texto analisado. Assim, o objetivo é discutir sobre a concepção da identidade do herói presente na novela amadiana, de acordo com as posições de espaço-tempo ocupadas pelas personagens que dialogam com o protagonista. Para desenvolver tal análise, pautou-se nas ideias bakhtinianas sobre exotopia e cronotopia, bem como na leitura de pesquisadores como Amorim (2006), Bemon e Borghart (2015), entre outros que estudam esses aspectos nos escritos do referido filósofo da linguagem. O desenvolvimento da abordagem consistiu na leitura analítica do texto do escritor baiano, associando-a ao viés espaço-tempo proposto para a construção de pontos de vista em relação ao personagem principal. Dessa forma, pode-se observar a importância dessa dimensão para situar a condição de herói de Berro Dágua. Por isso, conclui-se que é de grande valia a análise nessa perspectiva para a ampliação das possibilidades de leitura do texto literário.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Bakhtin. Exotopia. Cronotopia. Literature. Hero.

PALAVRAS CHAVE: Cinco. Bakhtin. Exotopia. Cronotopia. Literatura. Herói.

Texto integral

Introdução

A discussão com a qual propomos nos deter aqui está relacionada ao fato de considerarmos as ideias bakhtinianas sobre cronotopia e exotopia de grande valia para o desenvolvimento de análises de textos, sobretudo os literários. A partir dessa perspectiva, podemos elucidar questões acerca da construção do enredo desses textos, bem como do processo criativo de modo geral.

Nesta abordagem, apresentamos uma análise da narrativa de *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, com o objetivo de demonstrar como ocorre a concepção do herói e como se dá a sua desconstrução, com base nos discursos produzidos pelas personagens da novela, em relação ao protagonista, Berro Dágua.

A análise deve-se ao fato de que vemos marcas de cronotopia e exotopia que atuam ora em consonância, ora em dissonância, na construção e desconstrução do herói presente na referida novela amadiana. Por isso, entendemos ser viável a leitura da narrativa direcionando-a por este viés.

Como aporte teórico, temos as ideias de Bakhtin (2003, 2008) a respeito da concepção da personagem como uma atividade estética, bem como os aspectos discursivos do herói na narrativa. Da mesma forma, buscamos subsídios em estudiosos da obra bakhtiniana como Amorim (2006), Bemon e Borghart (2015).

Procedemos com a leitura analítica do texto literário em pauta, com o intuito de analisar os aspectos inerentes à cronotopia e à exotopia, a partir dos discursos produzidos no decorrer do enredo. A partir disso, pontuamos o lugar do herói, com base nos objetos de discurso das personagens do seu círculo.

Nas seções que seguem, trataremos do papel do protagonista, enquanto herói ou anti-herói, mediante o lugar do outro, pautados nos aspectos inerente à identidade e à alteridade, a partir dos enunciados produzidos ao longo da narrativa pelas personagens que o cercam. Observados esses aspectos inerentes ao caráter heroico ou não de Quincas Berro Dágua, discutiremos sobre a exotopia e a cronotopia presentes no enredo e a concernente relação espaço-tempo que contribui para o desenvolvimento dos fatos narrados.

2. Quincas Berro Dágua: herói ou anti-herói? Identidade versus Alteridade

A novela de Jorge Amado *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, apresenta em seu enredo um sujeito cuja morte, ou cujas mortes, ilustram o desenrolar da narrativa. Inicialmente, podemos dizer que a notícia da morte de Quincas consiste, na verdade, em uma ressurreição, haja vista ele já ter morrido moralmente para seus familiares quando decidiu abandonar a família e tornar-se um malandro. Ou seja, temos duas mortes já marcadas logo no início da novela. Nesse contexto, o narrador nos situa ao dizer que Berro Dágua

[...] se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral [...]. (AMADO, 1999 p. 3).

Com isso, a segunda morte, agora física, representa a vitória familiar com o silenciamento da voz do herói malandro. Todavia, representa, também, o assombro oriundo das reminiscências do patriarca da família que manchou a reputação de todos com sua vida de vagabundo. Ainda assim, busca-se restabelecer a identidade ilibada de outrora, já que Quincas Berro Dágua, no caixão, volta a ser Joaquim Soares da Cunha.

No entanto, essa morte física é transgredida pela presença dos amigos de Quincas Berro Dágua em seu velório, quando ficam sozinhos com o defunto e ressuscitam-no uma segunda vez, conduzindo-o novamente para a boêmia, até chegar à outra morte, isto é, a sua terceira morte, condizente com sua vida de malandro e responsável pela sua redenção enquanto herói. Assim temos que Quincas Berro Dágua é “[...] um recordista de morte, um campeão de falecimento [...]” (AMADO, 1999, p. 03).

Com essa breve exposição do enredo, podemos dizer que a personagem de Jorge Amado, Quincas Berro Dágua, é concebida sob dois pontos de vista: o de sua família, que o considera anti-herói devido à transgressão de sua conduta moral; e o de seus amigos de boêmia que enaltecem a sua condição de herói. Nesse sentido, abordaremos alguns aspectos da visão que se cria em relação ao protagonista, a partir dos lugares-de-dizer dos outros personagens. Isto é, observaremos que as vozes discursivas presentes na obra nos oferecem subsídios para estabelecer a posição do protagonista em um ou em outro plano.

Dessa forma, para situar as concepções de herói e anti-herói, é preciso analisar os discursos e os respectivos signos ideológicos inerentes à posição social das personagens, numa perspectiva dialógica da linguagem construída na novela amadiana. O intento dessa análise é pautado na ideia de que o discurso, materializado no texto, é um estatuto que “[...] só pode ser entendido se soubermos, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, em que contexto, incluindo momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente (institucional, familiar, entre outros).” (SOBRAL e GIACOMELLI, 2016, p. 1078).

Portanto, partiremos da relação entre Quincas Berro Dágua e os personagens de seu entorno para a construção da sua identidade de anti-herói, em um primeiro momento, mediante o reencontro com seus familiares quando de sua morte; e a sua redenção como herói, a partir do contato com seus amigos de esbórnica em outro momento. Por isso, podemos citar o que Miotello e Moura (2013) dizem sobre a construção da identidade, visto que ela “[...] é uma atividade coletiva, cujo ponto de partida é sempre o outro [...]” (MIOTELLO & MOURA, 2013, p. 50).

Diante disso, vale dizer que a ideia de herói não é pré-concebida na novela. Ao contrário, ela é construída e desconstruída em vários momentos do enredo, com base nos paradigmas apresentados na narrativa. Nesse sentido, percebemos as várias vozes que compõem o texto literário em pauta e contribuem para o diálogo com o protagonista.

Para tratarmos da concepção de anti-herói de Berro Dágua, é preciso observar a relação do protagonista com as personagens inerentes ao círculo

familiar do qual pertencia outrora. Quincas, na verdade, era Joaquim Soares da Cunha, pai de família e funcionário público exemplar, mas que vivia sob o julgo da esposa, Otacília, da filha, Vanda, e dos valores morais que sufocavam os seus desejos. Nesse sentido, baseados em Miotello e Moura (2013) podemos dizer que o protagonista vivia em uma incompletude monologizante, com a necessidade de jogar-se para fora de si mesmo em busca de sua completude.

Por isso, podemos dizer que a caráter de anti-herói atribuído ao protagonista tem origem na quebra do silêncio que lhe sufocava em meio às convenções sociais das quais ele fazia parte. Isso fica marcado no seguinte:

[...] A verdade é que Joaquim só começara a contar em suas vidas quando, naquele dia absurdo, depois de ter tachado Leonardo de *bestalhão*, fitou a ela e a Otacília e soltou-lhes na cara, inesperadamente:

– Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou. (AMADO, 1999, p. 35).

É a partir desse ato que o anti-herói é concebido, tendo em vista a posição antagonista assumida pelo até então Joaquim Soares da Cunha em relação aos bons costumes da sociedade na qual ele estava inserido. Com isso, vemos, ao longo do enredo, as marcas de constituição do anti-herói Berro Dágua, conforme o ponto de vista de seus familiares.

Dessa forma, a contraposição da postura malandra do protagonista em relação ao seu papel social anterior serve como ferramenta para a sua concepção enquanto anti-herói. É o que temos no seguinte excerto:

Era um morto pouco apresentável, cadáver de vagabundo falecido ao azar, sem decência na morte, sem respeito, rindo-se dela, com certeza de Leonardo, do resto da família. [...] Era o cadáver de Quincas Berro Dágua, cachaceiro, debochado e jogador, sem família, sem lar, sem flores e sem rezas. Não era Joaquim Soares da Cunha, correto funcionário da Mesa de Rendas Estadual, aposentado após vinte e cinco anos de bons e leais serviços, esposo modelar, a quem todos tiravam o chapéu e apertavam a mão. [...] (idem, p. 14).

Nesse trecho, percebemos a distinção entre Quincas Berro Dágua e Joaquim Soares da Cunha, responsável pela sua condição de anti-herói na visão familiar. Conforme observamos, há um discurso negativo acerca da condição malandra inerente a uma das identidades do protagonista, que é responsável pelo velamento de sua condição anterior de sujeito exemplo.

Em várias outras passagens do enredo temos a marcação da caracterização de malandragem de Quincas Berros Dágua que o faz anti-herói sob o ponto de vista dos bons costumes, por ter apagado a memória concernente aos padrões sociais que se esperaria de um homem de sua posição. Nesse sentido, são vários os epítetos utilizados para caracterizar o protagonista na sua condição malandra:

cachaceiro-mor de Salvador, Rei dos vagabundos da Bahia, vagabundo por excelência, entre outros que negativam, na concepção da família, a postura que ela adotara no fim da vida.

Nesse contexto, a configuração do anti-herói também é marcada pela transgressão apresentada no tocante à condição de defunto de Quincas Berro Dágua. Embora o protagonista estivesse morto e, assim, em uma condição de um novo silenciamento frente à família, a sua postura malandra sobrepõe-se a isso, como podemos analisar na visão de sua filha Vanda, olhando para o pai dentro do féretro:

Viu o sorriso. Sorriso cínico, imoral, de quem se divertia. O sorriso não havia mudado, contra ele nada tinham obtido os especialistas da funerária. Também ela, Vanda, esquecera de recomendar-lhes, de pedir uma fisionomia mais a caráter, mais de acordo com a solenidade da morte. [...] Ria com os lábios e com os olhos, olhos a fitarem o monte de roupa suja e remendada, esquecida num canto pelos homens da funerária. O sorriso de Quincas Berro Dágua. (ibidem, p. 36).

Diante disso, é perceptível que nem mesmo a morte física impede a construção heroica de Quincas Berro Dágua, pautada na sua condição de malandro, como observamos na sua postura. Na contramão disso, reforça-se a ideia de anti-herói pelo olhar de Vanda que, mesmo o vendo no caixão, ainda é desafiada pelo deboche do pai. Assim, podemos dizer que há uma resposta de Berro Dágua ao fato de os familiares imaginarem tê-lo vencido e restaurado o seu papel social. Com base nessa relação, podemos nos valer do que Bakhtin (2008) apresenta acerca do discurso do herói em Dostoiévksi:

[...] A atitude do herói face a si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo da consciência que o outro tem dele, o 'eu para si' no fundo do 'o eu para o outro'. Por isso o discurso do herói sobre si mesmo se constrói sob a influência direta do discurso do outro sobre ele. [...] (BAKHTIN, 2008, p. 237).

Com base no autor, podemos dizer que a atitude de Quincas Berro Dágua dá-se em função da influência exercida sobre ele pela família, sobretudo por sua filha Vanda, que se sente vitoriosa em ver o pai ali, em tese sem condição de reverter a sua situação de impotência ocasionada por sua morte física. Por isso, há a transgressão da condição de morte do protagonista, mediante a manutenção do seu sorriso, contrariando o estado fúnebre no qual se encontrava e com as menções feitas à Vanda a quem ele chama de Jararaca e à sua irmã Marocas, a quem ele refere-se como saco de peidos, apesar de estar no caixão.

No tocante à sua concepção de herói, Quincas Berro Dágua tem em seus amigos de boêmia a alteridade necessária para se fazer como tal. Nessa esteira, é importante ressaltar a ideia de construção de identidade a partir da alteridade, apresentada por Miotello e Moura (2013), na perspectiva bakhtiniana. Assim, podemos dizer que a construção do herói é oriunda de um eu construído pelo

outro. Ou seja, nas palavras dos autores, cria-se um caminho inverso para a construção da identidade, no sentido de que pensar “[...] o eu como constructo não joga fora a questão da identidade, mas ela não é mais vista como ponto de partida. O ponto de partida é o construtor, e esse é o Outro. [...]” (MIOTELLO & MOURA, 2013, p. 49).

Por isso, podemos dizer que a construção do herói Quincas Berro Dágua é oriunda de sua relação com esses amigos, que promovem a completude de sua identidade, isto é, de uma lacuna existente no que se referia à sua interação com os familiares. Dessa forma, ainda de acordo com os autores citados temos que: em meio aos familiares, havia uma relação de diabolía, pois a separação ideológica entre Quincas Berro Dágua e seus parentes era notória, o que ocasionava a sua solidão e não-junção com o outro; em meio aos seus amigos de boêmia, porém, a relação era de dialogia, visto que esta proporcionava a constituição e identificação da sua condição de herói.

No espaço da narrativa composto pelos personagens que acompanhavam Quincas Berro Dágua em sua vida de malandro, podemos analisar a visão que se tinha dele como herói para as pessoas desse círculo:

[...] a notícia da morte de Quincas Berro Dágua foi a desolação e fez correr as lágrimas mais tristes. As mulheres choravam como se houvessem perdido parente próximo e sentiam-se de súbito desamparadas em sua miséria. Algumas somaram suas economias e resolveram comprar as mais belas flores da Bahia para o morto. [...] (AMADO, 1999, p. 46).

Em outro excerto da narrativa, temos um exemplo da condição de herói de Berro Dágua e a justificativa para tamanha lamentação:

Fora ele quem cuidara, durante mais de vinte dias, do filho de três meses de Benedita, quando esta teve de internar-se no hospital. Só faltara dar à criança o seio a amamentar. O mais fizera: trocava fraldas, limpava cocô, banhava o infante, dava-lhe mamadeira. (p. 46).

Diante desse fragmento, percebemos a dissonância em relação à ideia de anti-herói apresentada na narrativa no que concerne ao seio familiar. Aqui, percebemos que a libertação do herói do seu aspecto monologizante e de sua incompletude. É disso que se constitui o herói Quincas Berro Dágua. A isso, podemos associar a participação do outro na transformação do protagonista em sua incompletude. A percepção desse aspecto é importante na obra porque é a relação entre o eu Quincas Berro Dágua e o outro, no caso os seus amigos, que o faz melhor, conforme nos aponta Miotello e Moura (op. cit.).

Diante dessa discussão acerca das concepções de herói e anti-herói, podemos observar as posições que marcam os discursos dos personagens para conceberem a sua visão acerca do protagonista. Isso se relaciona com o que Bakhtin (2008) apresenta sobre o discurso do herói e o discurso do narrado em Dostoievski:

[...] Cada personagem entra em seu discurso interior, mas não entra como um caráter ou um tipo, como uma personagem da fábula do enredo da sua vida [...] e sim como o símbolo de alguma diretriz de vida ou posição ideológica, como o símbolo de uma determinada posição vital daqueles mesmos problemas ideológicos que o martirizam [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 276).

É importante ressaltar, também, que essas visões de herói e anti-herói construídas na narrativa dizem respeito aos contextos que são observados no enredo. Nesse sentido, julgamos importante dizer que apresentar os contextos de um texto significa “cotejá-los com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí [...]” (GERALDI, 2012, p. 33).

Com isso, podemos ressaltar que os contextos concernentes aos dois círculos de personagens que interagem com o protagonista influenciam na concepção de uma ou outra visão sobre ele. Dessa forma, percebemos vozes sociais que atuam na construção de anti-herói e herói da personagem.

Na seção seguinte, trataremos dos aspectos concernentes à construção do cronotopo e da exotopia no sentido de analisar a importância disso para o desenrolar da narrativa e as concepções de herói e anti-herói de Quincas Berro Dágua e Joaquim Soares da Cunha, respectivamente.

3. Os aspectos exotópico e cronotópico na concepção do herói Quincas Berro Dágua

Valemo-nos das ideias sobre exotopia e cronotopia para explicar as visões concebidas acerca de Quincas Berro Dágua e sua condição de herói ou anti-herói no espaço-tempo construído no enredo amadiano. Nesse sentido, a análise diz respeito à tensão entre os olhares em relação à criação estética do personagem. Isso é feito com base na ideia de Amorim (2006), visto que percebemos essa mesma tensão nos desdobramentos da narrativa.

Diante disso, podemos dizer que a razão de ser de Quincas Berro Dágua é pautada na visão externa que se tem sobre ele. Não fosse essa visão externa, ele não teria nascido, visto que permaneceria como Joaquim Soares da Cunha, pai e funcionário público exemplar. Dessa forma, a exotopia é marcada pela visão que se tem de Quincas Berro Dágua, construída por seus familiares e por seus amigos de boêmia. A importância disso está pautada no seguinte:

Os acontecimentos maiores que definem minha existência, meu nascimento e minha morte, não me pertencem. Porque, para que ganhem sentido de acontecimento, precisam ser situados em relação a um antes e a um depois. E não posso estar antes do meu nascimento nem depois de minha morte. (AMORIM, 2006, p. 96s).

Conforme expõe a autora, o herói é uma criação do outro e, no nosso contexto de análise, a criação do anti-herói também. A existência do herói, dessa forma, é possível pela visão dos amigos de Quincas Berro Dágua, que o consideram como tal em diversas passagens, bem como pelo que é narrado, no tocante aos seus feitos enquanto malandro. Por outro lado, a visão externa da família que é atribuída a ele o faz anti-herói, devido às transgressões praticadas, pois significaram a mácula no nome da família.

Assim, podemos dizer que a existência de Quincas Berros Dágua só foi possível mediante a concepção dessas visões, bem como da morte de Joaquim Soares da Cunha, sua condição alheia a qualquer condição, seja de herói ou de anti-herói. Em outras palavras, antes do nascimento de Quincas Berro Dágua não havia razão de ser para o herói ou para o anti-herói.

O cronotopo é definido pelo itinerário que vai da informação dada à família, sobre a morte de Quincas Berro Dágua, até a sua outra morte redentora. Dessa forma, podemos fazer a seguinte divisão: primeiro há o momento em que o protagonista está sob a tutela de sua família; depois, Quincas é reestabelecido à sua condição de herói, junto aos seus amigos de boêmia.

No contexto da obra, percebemos a importância da relação espaço-tempo para o desenvolvimento de determinadas situações acerca da construção da personagem na perspectiva do cronotopo e da exotopia. Nesse sentido, podemos citar o trecho em que se dá o velório da Quincas Berro Dágua, o que se traduz, na verdade, no velamento da sua condição de herói, visto que está preso ao caixão e longe do seu espaço que se tornara habitual, onde vivia com os amigos de boêmia. Assim, ele está preso a um quarto, durante todo o dia, perante a sua filha, Vanda, a quem está, naquele momento, submisso, apesar de disparar imprecações contra ela. À noite, entretanto, quando têm contato com os amigos de boêmia, o herói se restabelece: sai do caixão onde estava preso e passeia pelas ruas da Bahia e, no ápice de suas peraltagens, morre de fato como herói e da maneira como se anunciara outrora.

Dessa forma, é importante ressaltar que essa relação entre o tempo e o espaço concorre para que percebamos as gradações inerentes à concepção do herói Quincas Berro Dágua. Temos, aí, a criação de um cronotopo que consideramos artístico-literário, conforme nos apresentam Bemong e Borghart (2015) ao citarem Bakhtin:

No cronotopo artístico-literário, indicadores espaciais e temporais se fundem num todo concreto cuidadosamente pensado. O tempo como tal se concretiza, se encarna, se torna artisticamente visível; da mesma maneira, o espaço se torna carregado e responsivo aos movimento do tempo, enredo e história [...]. (BEMONG & BORGHART, 2015, p. 17).

A citação dos autores ratifica a nossa análise, no sentido de que o tempo no enredo da narrativa concorre para a transformação do herói, da mesma forma que as mudanças espaciais também concorrem para tal. Dessa maneira, entendemos

que a alternância da condição de, ora ser herói ora ser anti-herói, que cerca o protagonista é fruto do cronotopo que é criado na história.

Nesse contexto, podemos dizer também que o tempo é responsável pela alternância da condição de herói no que se refere à sua impotência em relação a uma dada circunstância e à sua redenção diante das adversidades, como o fato de estar preso a um caixão, morto. Nessa esteira, Amorim (2006), em termo bakhtinianos, chama a atenção para a ideia de metamorfose do herói que se estabelece a partir da relação alteração/identidade. No caso do nosso herói, essa alteração é perceptível por conta da relação do protagonista com os demais personagens, numa perspectiva exotópica.

Diante desses aspectos, podemos reiterar a importância do cronotopia e da exotopia para que o herói Quincas Berro Dágua pudesse ter a sua razão de ser no contexto da narrativa. Por isso, podemos dizer que a sua existência está condicionada a esses aspectos, visto que, sem eles, o herói não existiria.

4. Considerações finais

A análise realizada consistiu apenas em uma leitura nas perspectivas exotópica e cronotópica. Como vimos, o desenrolar do enredo da narrativa é realizado com base nessas perspectivas, o que contribuiu para dinamizar os fatos narrados e as construções de ponto de vista no interior da narrativa.

A exotopia observada na novela amadiana deu-nos indícios acerca das visões de herói e anti-herói, a partir das vozes que construíam ao longo da narrativa em torno do protagonista Quincas Berro Dágua. Com isso, temos a importância da visão externa das personagens em relação ao malandro para que se pudesse concebê-lo de uma forma ou de outra, mediante as relações com cada um deles.

No tocante ao cronotopo da obra temos aspectos importantes na constituição do espaço-tempo do texto, que contribuem para a representação do protagonista. Nesse sentido, pudemos perceber que Quincas Berro Dágua caminha pelo percurso: morte-vida-morte-vida-morte, cuja repartição desses estágios relaciona-se com as ideias de culpa, castigo, redenção e beatitude, na nossa análise.

Vale ressaltar que outros caminhos podem ser traçados para a análise dessa obra, a partir das ideias bakhtinianas sobre cronotopia e exotopia, bem como com base nos aspectos inerentes ao excedente da visão estética, questões a respeito de alteridade, entre outros pressupostos desse filósofo da linguagem.

Em síntese, podemos dizer que essa leitura contempla apenas um viés de análise do texto amadiano, o que foi feito com vistas a mostrar a importância do cronotopo e da exotopia na constituição da obra literária em pauta. Dessa forma, esperamos que esse artigo tenha cumprido aquilo que se propôs e que suscite outras análises da obra aqui trabalhada.

Referências



AMADO, J. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

AMORIM, M. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, B. Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévksi**. Tradução: Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BERMONG, N. BORGHART, P. **A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas**. In: BERMONG, N. et al. Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GERALDI, J. W. **A heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GECE – UFSCar. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. de. **Pensando questões sobre a alteridade e a identidade**. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GECE – UFSCar. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso** – ADD. Domínios de Lingu@gem. Uberlândia, vol. 10 n. 3, jul./set. 2016.

Para citar este artigo

SOUZA, Wellington Gomes de. A CONCEPÇÃO DA IDENTIDADE DO HERÓI EM A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO DÁGUA: UMA LEITURA EXOTÓPICA E CRONOTÓPICA. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 101-111.

O Autor

Wellington Gomes de Souza é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Campus de Pau dos Ferros-RN.